

A VIVÊNCIA DA PERDA DE PACIENTES NO INTERNATO MÉDICO: DESAFIOS EMOCIONAIS E APRENDIZADO PROFISSIONAL

Carolina De Marqui Milani^{*1}, Cárta Chagas Gomes^{*1}, Danielle Lobato Gouveia Flosi^{*1}, Micaela Graciane Borges^{*1}, Rafaela do Nascimento Thomé^{*1}, Ryan Viana Vilela^{*1}, Sueli Regina Bonfim^{*1}, Sandra Maria Lucatto Lobato^{*1}

^{*1}FACERES – Faculdade de Medicina, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil.

Autor Correspondente: Carolina De Marqui Milani

e-mail: carolinademarqui@gmail.com

1. Introdução: Embora a morte seja um evento natural da vida, ela continua sendo um dos momentos mais desafiadores para médicos e estudantes em formação. Durante o internato, fase em que o estudante assume mais responsabilidades no cuidado clínico, lidar com a perda de pacientes torna-se inevitável e demanda do futuro profissional não só habilidades técnicas, mas também formação emocional e ética. A vivência do luto, tanto por parte dos familiares quanto do próprio estudante, representa um ponto crucial no processo de amadurecimento médico, suscitando reflexões acerca da finitude, da humanização do cuidado e dos limites da ciência. **2. Objetivos:** Relatar a experiência de vivenciar perdas de pacientes durante o internato médico, refletindo sobre os impactos emocionais, os desafios enfrentados no manejo dessas situações e os aprendizados adquiridos para a formação profissional e pessoal. **3. Relato da experiência:** Durante o internato, diversas situações envolveram a perda de pacientes, em cenários variados como pronto-socorro, enfermarias e unidades de terapia intensiva. Um dos episódios mais marcantes ocorreu durante um plantão em que acompanhei a evolução de uma paciente com diagnóstico de câncer de mama metastático, portadora de múltiplas comorbidades, que apresentou instabilidade hemodinâmica grave. Apesar dos esforços da equipe, incluindo manobras de ressuscitação cardiopulmonar, a paciente evoluiu a óbito. O momento foi permeado por sentimentos intensos como impotência, tristeza e até frustração pela limitação dos recursos médicos frente à fragilidade humana. Posteriormente, presenciei a comunicação da morte aos familiares, processo conduzido sem a empatia e clareza que esperava. A reação de dor e desespero da família me impactou profundamente, reforçando a dimensão humana que transcende o aspecto técnico do cuidado. Em outro contexto, acompanhei a perda de um paciente idosa, portadora de Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica, já sob cuidados paliativos. Dessa vez, pude vivenciar a morte por um outro aspecto, com preparo, respeito e, acima de tudo, humanidade. Ter a oportunidade de vivenciar duas situações tão distintas de perda foi essencial para elaborar o luto e transformar a experiência em aprendizado. **4. Reflexão sobre a experiência:** As experiências de perda de pacientes durante o internato demonstram que a formação médica transcende a simples aquisição de conhecimento científico, ela também abrange o desenvolvimento de resiliência emocional, habilidades de comunicação compassiva e a capacidade de lidar com o sofrimento alheio. O papel do médico não termina com a morte do paciente, mesmo quando os recursos terapêuticos falham, ele se transforma ao focar na atenção paliativa, no cuidado com a dignidade do paciente e no apoio à família. **5. Conclusão:** A vivência da perda de pacientes durante o internato representa um rito de passagem inescapável e transformador. Embora cause dor e impacto

emocional, permite que o estudante cresça profissionalmente, desenvolva empatia e entenda os limites da medicina. Lidar com a morte não deve ser um processo solitário; é fundamental que as instituições de ensino proporcionem ambientes para acolhimento, debate e apoio emocional aos alunos. Formar médicos para lidar com a finitude é capacitá-los a serem profissionais mais humanos, cientes de sua responsabilidade ética e mais conectados com a verdadeira natureza do cuidado em saúde.

6. Palavras-chave: Internato Médico; Luto; Humanização Da Assistência; Educação Médica.